



Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Eunápolis - BA
ISSN 2179-2984

Perfil de mulheres em situação de violência no município de Eunápolis/BA

Marcos Ferreira Santos*

Ivanildo Antonio dos Santos**

Flaviane Ribeiro Nascimento***

Livia Maria Dodds Angelo****

* Discente/Licenciatura em Matemática - IFBA / Campus Eunápolis.

** Professor de Física - IFBA / Campus Eunápolis (GEPeFis) .

*** Professora de História - IFBA / Campus Eunápolis (GEICES) .

**** Professora de Psicologia - IFBA / Campus Eunápolis .

Resumo. A violência que atinge as mulheres, especificamente motivada por sua condição dentro da categoria gênero, é um fenômeno que abrange indiscriminadamente pessoas de todas as classes sociais, cor, idade e etnia, e que ocorre a partir de relações sociais e de poder desiguais entre homens e mulheres notadamente, mas também entre as mulheres e entre os homens. Este artigo tem por objetivo investigar o perfil das mulheres vítimas de violência na cidade de Eunápolis-BA, e que utilizaram dos serviços do CREAS (Centro de Referência Especializado em Assistência Social) entre os anos de 2012 e 2014, a partir do levantamento estatístico de variáveis que permitam evidenciar os aspectos sócio-históricos e que possibilitem a interpretação do perfil identificado ao longo desse triênio. No presente trabalho foi considerado como ponto de partida os números levantados pelo mapa da violência, publicado em 2012, no qual Eunápolis aparece entre os municípios mais violentos da Bahia, com uma taxa de homicídios femininos que, à época, o colocava em 15^o lugar nesse tipo de violência no Brasil. A interpretação desses números permitirão análises qualitativas e quantitativas de dados sócio-históricos que irão contribuir para pensar ações de intervenção do Estado e políticas públicas capazes de proteger essas mulheres, garantindo-lhes não só a dignidade, mas a vida, notadamente no município de Eunápolis.

Palavras-Chave. : Violência de Gênero. Levantamento Estatístico. Políticas Públicas.

Profile of women under violence situation in Eunápolis / BA

Abstract. Violence against women, especially motivated by their gender condition, is a phenomenon who reaches indiscriminately peoples of all social class, color, age, and ethnic group. Beside of that, it is occur mainly from unequal social and power relations between men and women, but also between women and between the men. The aim of this paper is investigate the profile of the women victims of violence in Eunápolis - BA city, who has used the services of CREAS (Specialized Reference Center for Social Assistance) between the years of the 2012 to 2014. For that, statistical survey of variables was performed aiming to identify socio-historical aspects and enable the interpretation of the identified profile. For the proposed study the starting point was the data raised by The Map of Violence (Mapa da Violência), published in 2012, in which Eunápolis appears among the most violent municipalities of Bahia, with the female homicides rate, at the time, putting him in 15th place in Brazil for that type of violence. The interpretation of these numbers allow qualitative and quantitative analysis of socio-historical

data who will contribute to planning intervention actions of the state to formulate public policies that protect these women, guaranteeing them not only dignity, but life.

Keywords: *Gender Violence. Statistical Survey. Public Policies.*

1. INTRODUÇÃO

O município de Eunápolis aparece em posições indesejáveis com relação aos seus índices de violência, como mostram os dados compilados por órgãos especializados nos últimos anos. De acordo com o Mapa da Violência de 2012, entre os municípios com mais de 10 mil habitantes, Eunápolis ocupa a 5^o posição estadual e 15^o posição nacional em taxa de homicídios. Considerando alguns recortes, em especial o de populações mais vulneráveis, o Mapa da Violência de 2014 aponta esse município na 10^a posição nacional quando se trata de homicídios de jovens (15-19 anos) considerando os municípios da federação com mais de 5 mil jovens (15-29 anos). Quando consideramos o recorte de gênero, os números continuam alarmantes. Segundo o Mapa da Violência de 2012, considerando os municípios brasileiros com mais de 26 mil mulheres, Eunápolis encontrava-se 15^o lugar em taxa de homicídios femininos. Esse município configura-se, portanto, como um dos lugares com índices de violência alarmante, que atinge populações mais vulneráveis, incluindo as mulheres.

A violência contra a mulher é um fenômeno que abrange indiscriminadamente todas as classes sociais, cor, idade e etnia. Essa forma de violência se realiza a partir de relações sociais e de poder desiguais entre homens e mulheres principalmente, mas também entre as mulheres e entre os homens. A categoria analítica de gênero tal qual difundida por Saffioti (2004) estabelece que relações de gênero estão imbricadas a relações de um poder dominador e um poder dominado, sendo esse conceito utilizado no âmbito dessa pesquisa para análise e reflexão acerca das relações de gênero e suas implicações.

O projeto de pesquisa intitulado Violência de gênero: mapeamento do perfil de mulheres vítimas de violência no município de Eunápolis por meio de ferramentas estatísticas pretendeu realizar levantamento estatístico do perfil sócio-econômico-psicológico de mulheres vítimas de violência no município de Eunápolis-Ba, entre os anos de 2012 e 2014. Neste trabalho faremos o levantamento de dados de mulheres vulneráveis a violência por meio das fichas cadastrais daquelas que buscaram os serviços do CREAS (Centro de Referência Especializado em Assistência Social) para, a partir desses dados, seguir com a identificação do perfil das mulheres em situações de violência. O CREAS atende pessoas ou famílias que tiveram violação dos seus direitos constitucionais, ou que se encontram em situação de risco social. Nas unidades do CREAS são oferecidos Serviços de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI), abordagem social e serviço para pessoas com deficiência, idosas e suas famílias, além disso, possuem o serviço de medidas socioeducativas em meio aberto.

A investigação do perfil das vítimas se deu conforme estado conjugal, posição etária, segmento sociopolítico, ambiente e ambiência de convivência social, dentre outras variáveis. Em seguida realizou-se a análise qualitativa e quantitativa (com enfoque no ponto de vista estatístico) desses perfis e sua inteligibilidade tendo como referência tanto dados presentes no Mapa da Violência (2012 e/ou 2014) como eventualmente de trabalhos da literatura que constem esse tipo de levantamento e análise.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Por meio das leituras da bibliografia especializada, teve-se uma referência sobre as variáveis comumente qualificáveis e que foram, conseqüentemente, utilizadas para fins do objetivo desse trabalho, tais como: cor, idade, grau de escolaridade, faixa de renda familiar, etc. Além disso, compreendeu-se a importância da Lei nº 11.340 (Lei Maria da Penha), e por meio dela categorizou-se os tipos de violência (física, psicológica, verbal, moral e patrimonial). A fim de obter as informações necessárias que respondesse aos objetivos desse trabalho foram confeccionadas fichas de coleta de informações, cujos itens visaram contemplar à identificação do perfil das mulheres violentadas e/ou em situação de vulnerabilidade a violência no município de Eunápolis no triênio 2012-2014. Em seguida foram realizadas visitas de campo para a coleta das informações no CREAS, a partir dos prontuários ou fichas contendo as informações sobre as usuárias.

Nesta pesquisa a apresentação dos dados foi realizada utilizando-se de gráficos do tipo barra, pois estes permitiram uma melhor visualização e exploração das variáveis, o que não ocorreu quando se tentou estudar as variáveis por meio de gráficos de setores ou outros tipos. Além disso, utilizou-se do Microsoft Excel para tabulação dos dados, e construção desses gráficos. Finalmente, a partir dos resultados e da análise qualitativa, seguiu-se a inteligibilidade do perfil sócio-histórico das mulheres vítimas de violência e/ou em situação de violência no município de Eunápolis.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo MESQUITA, 2010:

“Fazer um perfil de mulheres que foram violentadas e prestaram queixas, é uma tarefa política de denunciar um fenômeno contemporâneo que se dissemina através da ideia de dominação de sexo forte, sobre um sexo frágil.”

É nesse sentido que esse trabalho procurou colaborar por meio de coleta de dados, formação humana e aspectos bibliográficos. Na unidade do CREAS, foram coletadas cinquenta e cinco (55) fichas com informações sobre as mulheres que procuraram o serviço ou foram encaminhadas para lá, durante os anos de 2012 a 2014. Os dados serão apresentados e discutidos a seguir tomando como base o quadro nacional, representado pelos dados contidos no mapa da violência de 2012 e/ou 2014.

Se considerarmos dados correlatos ao tema em questão, sabemos que no Brasil a violência tem cor. Sendo assim, uma das variáveis fundamentais para entender quem são essas mulheres é a aquela referente à Raça/Cor. Com relação aos dados coletados nesse trabalho, observamos pela **figura 1** que as maiores incidências de violência ocorrem nas cores preta e parda. Esse resultado nos leva a inferir que, dentre as mulheres do município de Eunápolis, as negras e pardas são as mais propícias a sofrer algum tipo de violência. Esses resultados corroboram, inclusive, com estudos que pretenderam o levantamento de perfil de mulheres vítimas de violência, realizadas em diferentes localidades no Brasil (BANDEIRA, 2005; MESQUITA, 2010; GIORDANI, 2006).

É importante também saber sob qual faixa etária a mulher está mais vulnerável aos diversos tipos de violência. No que diz respeito a essa variável, decidimos por questões de metodologia adotar as faixas etárias presentes no último censo do IBGE. Sendo assim, o gráfico da **figura 2** apresenta os resultados de incidência de violência por faixa de idade das mulheres. Observamos,

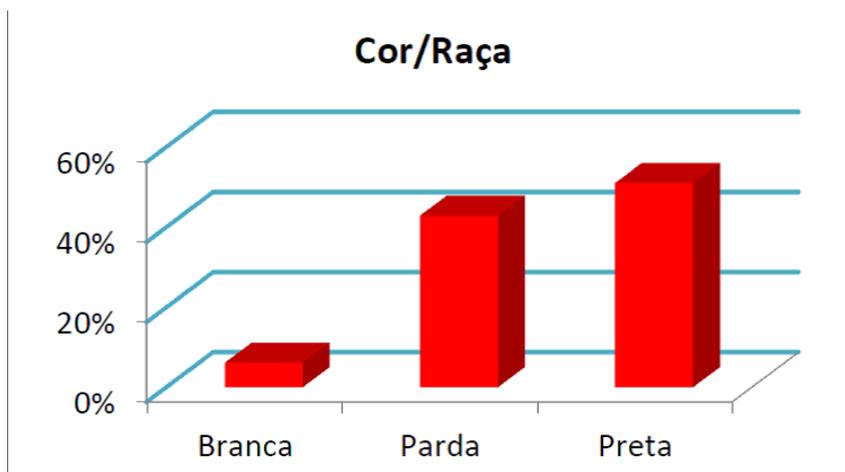


Figura 1- Dados para a variável cor/raça das mulheres atendidas no CREAS/Eunápolis no triênio de 2012-2014.

portanto, que a violência aumenta significativamente a partir dos 20 anos de idade e permanece em ascensão até os 40 anos, a partir de onde os níveis de violência sofrem uma retração. Ao observarmos os dados de homicídio para essa variável contidos no Mapa da Violência (2012), percebemos que os resultados são concordantes, uma vez que as faixas etárias de mulheres vítimas de violência, nesse último, estão entre 20 a 34 anos.

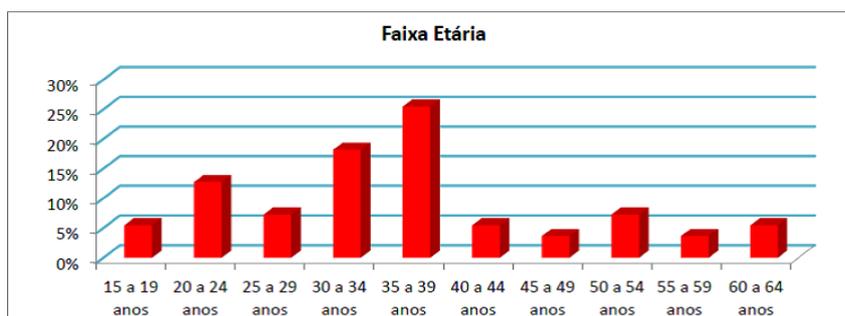


Figura 2- Dados para a variável faixa etária das mulheres atendidas no CREAS no triênio de 2012-2014.

Quando consideramos a variável escolaridade, concluímos por meio da **Figura 3** que estas mulheres possuem em sua maioria Ensino Fundamental incompleto ou Ensino Médio completo. Embora seja interessante notar que existem mulheres que estão ingressadas ou já ingressaram no Ensino Superior. A partir desse gráfico, podemos inferir que as mulheres tem um nível de conhecimento escolar básico, e este pode ser um fator, dentre outros, que gerou condições para que houvesse a denúncia e/ou pedido de ajuda ao serviço especializado. Vale ressaltar que a variável escolaridade não apareceu em nenhuma das pesquisas estudadas em nossa bibliografia, possivelmente por esses levantamentos anteriores considerarem apenas dados de B.O (boletins de ocorrência) ou demais fontes onde esse dado é negligenciado.

A situação conjugal dessas mulheres também se torna uma informação relevante a ser investigada, uma vez que o agressor, na maioria dos casos, são sujeitos do sexo masculino e tem proximidade com a vítima. No que se refere ao estado civil dessas mulheres, o gráfico da **Figura 4** revela que a maior incidência de vítima é entre mulheres solteiras. Observa-se também que a incidência de mulheres civilmente casadas é bem grande se comparada às demais variáveis. Faz-se necessário observar, ainda, que a incidência elevada de violência em mulheres solteiras, não invalida a afirmação de que os agressores são homens próximos da vítima, pois esses podem aparecer na figura do pai, namorado, ex-companheiro e etc, como se verifica nos

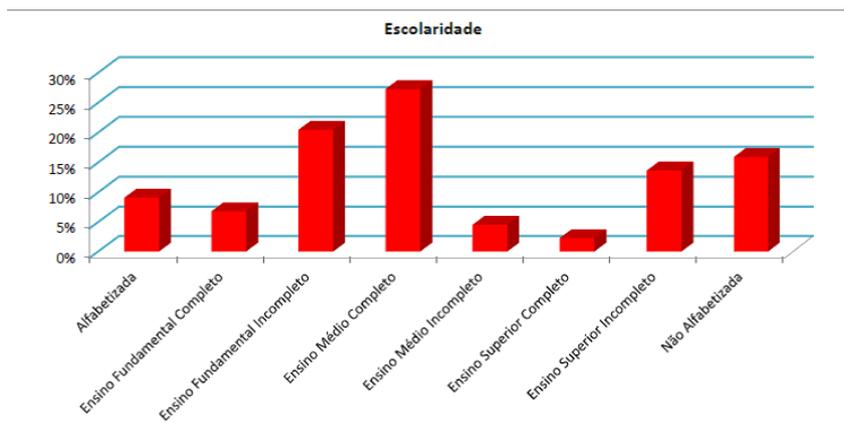


Figura 3- Dados para a variável escolaridade das mulheres atendidas no CREAS no triênio de 2012-2014.

dados a serem apresentados em seguida.

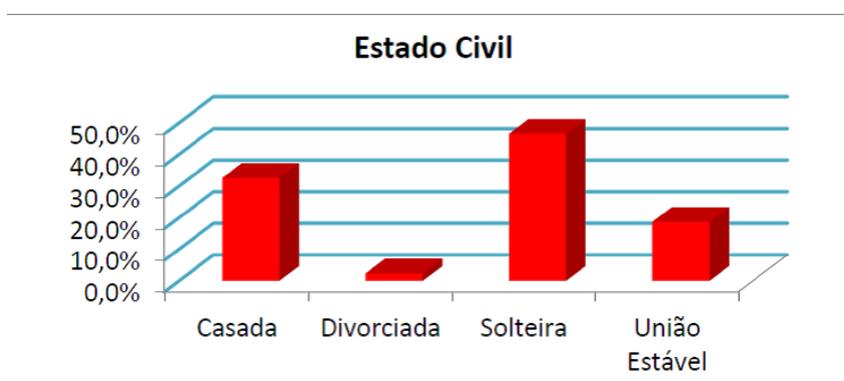


Figura 4- Dados para a variável estado civil das mulheres atendidas no CREAS no triênio de 2012-2014.

Como anunciado anteriormente, outra variável que importa ser qualificada é a figura do agressor. Os resultados para as variáveis grau de proximidade com o(a) agressor(a) estão contidos nos gráficos das **Figuras 5**. Fica, portanto, evidenciado que o companheiro se constitui como o principal responsável pelas agressões, denotando que a violência a qual a mulher está sujeita expressa-se basicamente na forma de violência doméstica. Ainda, se cruzarmos os dados da **Figura 4** com as da **Figura 5**, infere-se que as mulheres que foram agredidas estão, em sua maioria, em união estável ou tendo algum envolvimento afetivo, mesmo as que se apresentam civilmente como solteiras.

Com relação aos dados referentes ao sexo do agressor, contidos na **Figura 6**, verificamos que o agressor, em sua grande maioria, é do sexo masculino. Isso implica em dizer que há uma ação constante na tentativa de impor vontades sobre a mulher por meio da violência e, assim, se cria uma relação de poder dominador e poder submisso. Logo, infere-se que do ponto de visto do homem, participar, nas diversas formas, da vida de uma mulher, já o leva a pensar e agir como se este fosse detentor de domínio sobre ela, evidenciando, portanto, relações de poder desiguais que invariavelmente resultam nas mais diversas formas de violência. Esses resultados em nada diferem com relação aos contidos no panorama nacional sobre homicídios de mulheres, cujos dados estão contidos no Mapa da Violência de 2012.

Na tentativa de nos cercarmos de mais informações relevantes no sentido de determinar o perfil desejado, contabilizamos, também, a variável local em que ocorreu a violência, cujos dados estão apresentados no gráfico da **Figura 7**. Podemos inferir que o resultado para essa variável apenas reforça que a violência doméstica é responsável pela maioria dos casos de violência que acomete as mulheres, já que é em casa o cenário recorrente da violência. Essa

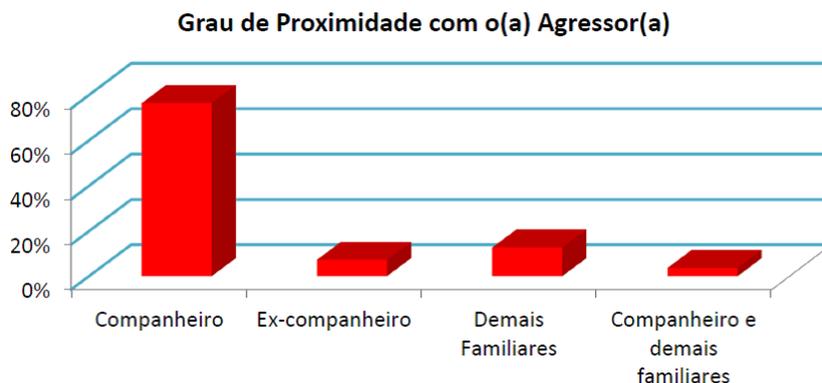


Figura 5- Dados para a variável grau de proximidade com o(a) agressor(a) das mulheres atendidas no CREAS no triênio de 2012 a 2014.

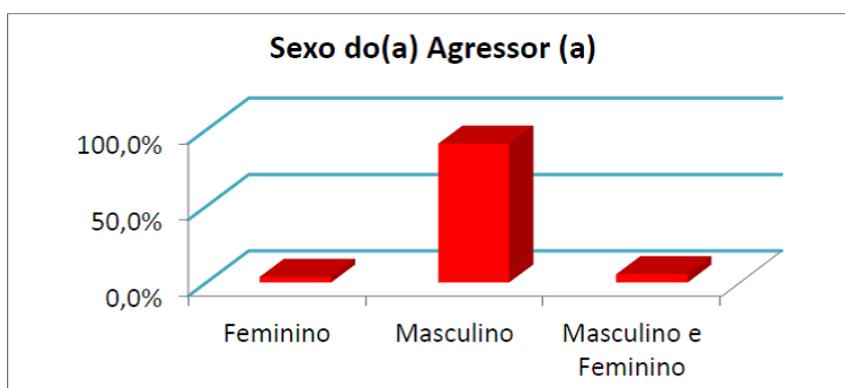


Figura 6- Dados para a variável sexo do(a) agressor(a) das mulheres atendidas no CREAS no triênio de 2012 a 2014.

conclusão nos chama a atenção para a gravidade desse quadro, no qual o ambiente onde a vítima mora, que deveria ser espaço de bem estar e segurança, torna-se o mais perigoso e passível de tragédias.



Figura 7- Dados para a variável local em que ocorreu a violência referente às mulheres atendidas no CREAS no triênio de 2012-2014.

Ademais, se consideramos os dados nacionais, contidos no Mapa da Violência de 2012 e reproduzidos no gráfico da **Figura 8**, observamos que, para todas as faixas etárias, confirma-se a residência como o local onde a violência contra a mulher encontra maior expressão. Há certa inflexão para a faixa etária entre 15 e 19 anos, onde a violências em via pública ganha algum destaque, não superando, no entanto, a violência na residência da vítima.

Por fim, no que se refere ao tipo de violência sofrida, como foi apresentado na metodologia, foram utilizados os tipos de violência (física, psicológica, verbal, moral e patrimonial)

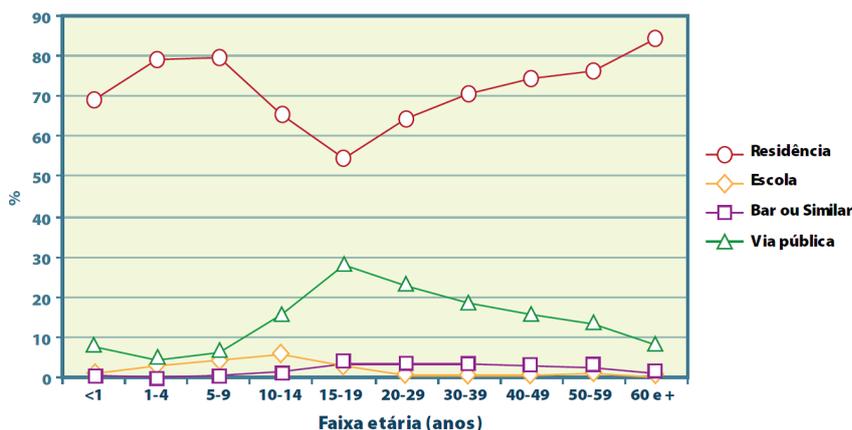


Figura 8- Dados para o local em que ocorreu a violência referente ao Mapa da Violência do ano de 2012. Fonte: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_web.pdf.

conforme a Lei Maria da Penha. Pelo gráfico da **Figura 9** nota-se uma convergência quanto ao tipo de violência, sendo mais incidentes a violência física e a violência física e psicológica. Levando em consideração o fato de o tipo de violência ser basicamente violência doméstica, como comprovado nesse trabalho e nos dados das demais referências consultadas, o dado de tipo de violência explica-se por ser dentro de casa, no ambiente privado, onde a agressão física pode ocorrer longe da percepção outros de outras pessoas. Por outro lado, é a convivência cotidiana o ambiente mais fértil para que abusos psicológicos se expressem sistematicamente. Demonstra-se, assim, que o homem se utiliza majoritariamente desses dois tipos de violência (violência física e violência psicológica), como ferramentas para submeter à mulher ao que ele deseja, ou ao que ele impõe em uma típica relação assimétrica de poder.



Figura 9- Dados para a variável localidade das mulheres atendidas no CREAS no triênio 2012-2014.

Nos dados sobre aspectos de cor, idade, grau de proximidade com o(a) agressor(a), local em que ocorreu a violência, e o tipo de violência sofrida, esta pesquisa concorda com algumas das pesquisas da nossa bibliografia, dentre as quais podemos citar **(Bandeira, 2005)**, **(Giordani, 2006)**, e **(Mesquita, 2010)**. A partir de que conclui-se que os perfis de mulheres vítimas de violência é praticamente invariante, independente do estado que ela mora. Essas observações, juntamente com os dados referentes ao quadro nacional, tantas vezes referidos nesse trabalho, permite afirmar que o perfil de mulheres vítimas de violência é invariante em todo país, determinando, portanto, um perfil nacional.

4. CONCLUSÕES

A partir do levantamento e análise dos dados referentes às mulheres que frequentaram o CREAS no período de 2012 a 2014, concluímos com relação ao perfil dessas mulheres vítimas de violência que elas são negras e pardas, com faixa etária entre 34 a 39 anos, que estão em união estável (apesar de civilmente estarem solteiras), com Ensino Médio completo, possuem uma profissão ou ocupação. Variáveis analíticas como local de ocorrência da violência, sexo do agressor entre outras, permitiram concluir que a violência que atinge as mulheres é principalmente a violência doméstica, em todos os aspectos. Ademais, a comparação dos resultados com os dados compilados pelo mapa da violência (2012) e com outros trabalhos de levantamento de perfil de mulheres vítimas de violência em outras regiões do Brasil permitiu concluir que trata-se de um perfil nacional, com pouca influência, portanto, de fatores regionais.

5. AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à FAPESB pelo financiamento do projeto e ao IFBA Campus Eunápolis pela infraestrutura.

Referências

- ALMEIDA, S. S. d.; SAFFIOTI, H. Violência de gênero: poder e impotência. **Rio de Janeiro: Revinter**, 1995.
- ALVES, B. M. Feminismo e marxismo. Edições Graal, p. 51–61, 1983.
- ARAÚJO, M. de F.; MATTIOLI, O. C. **Gênero e violência**. [S.l.]: Arte & Ciência, 2004.
- AZEVEDO, M. A. Mulheres espancadas: a violência denunciada. In: **Mulheres espancadas: a violência denunciada**. [S.l.]: Cortez, 1985.
- BANDEIRA, L. Fortalecimento da secretaria especial de políticas para as mulheres: avançar na transversalidade da perspectiva de gênero nas políticas públicas. **Brasília: SPM**, 2005.
- BEAUVOIR, S. O segundo sexo. fatos e mitos. **Trad. de Sérgio Milliet ,7^a ed. Rio de Janeiro Ed. Nova Fronteira.**, 1980.
- BOURDIEU, P.; MASCULINA, D. Tradução de maria helena kühner. **A Dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil**, 1999.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. [S.l.]: Centro de Documentação e Informação Coordenação de Publicações, 1996. v. 1.
- BRASIL; BRASIL. Lei 10.778, de 24 de novembro de 2003. estabelece a notificação compulsória, no território nacional, do caso de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privados. **Diário Oficial da União**, 2003.
- BRASIL. Lei 11.340/2006, de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília. <http://www.planalto.gov.br>.

DIAS, M. B. A lei maria da penha na justiça: a efetividade da lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher. **São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007.**

FARAH, M. F. S. Gênero e políticas públicas. **Revista Estudos Feministas. Florianópolis,** v. 12, n. 1, p. 47–71.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. **16 ed. Rio de Janeiro: Graal,** 2001.

GIORDANI, A. T. **Violências contra a mulher.** [S.l.]: Yendis, 2006.

GRIEBLER, C. N.; BORGES, J. L. Violência contra a mulher: perfil dos envolvidos em boletins de ocorrência da lei maria da penha. **Psico [Internet],** v. 44, n. 2, p. 215–25, 2013.

MESQUITA, A. P. d. As marias que não calam: perfil das mulheres vítimas de violência após a implementação da lei maria da penha em maceió/al. **IX Seminário Internacional Fazendo Gênero: “Diásporas, Diversidades, Deslocamentos”.** Santa Catarina, 2010.

RANGEL CELINA MÁRCIA F. R.B. DE A.; OLIVEIRA, E. L. Violência contra as mulheres: fatores precipitantes e perfil de vítimas e agressores.

SAFFIOTI, H. I. Rearticulando gênero e classe social. **Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos,** p. 183–215, 1992.

SAFFIOTI, H. I. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em perspectiva,** SciELO Brasil, v. 13, n. 4, p. 82–91, 1999.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** [S.l.]: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAÚDE, O. M. da; KRUG, E. G. **Relatório mundial sobre violência e saúde.** [S.l.]: Organização Mundial da Saúde Genebra, 2002.